

Entre o Exótico e o Autêntico: Manifestações Racialistas nas Interpretações Sobre a Paisagem e os Habitantes do Novo Mundo¹

Fabiana Rodrigues Dias²

RESUMO

O presente artigo procura contribuir para o amplo debate acerca da percepção europeia sobre o Novo Mundo, no período compreendido entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX, apontando as mudanças e as permanências que marcaram o alvorecer do Romantismo como movimento herdeiro e, ao mesmo tempo, crítico dos Iluminismos. Nessa esteira, verificam-se importantes ressignificações da percepção europeia sobre a paisagem do Novo Mundo, como também sobre os seus habitantes. Assim, as noções – pejorativas – de exotismo que acompanhavam as descrições europeias sobre o clima, a vegetação, a fauna, a flora e os povos americanos, passavam a ceder lugar, com o Romantismo, a impressões mais positivas, mais associadas a uma espécie de reconhecimento europeu da diferença, chancelando a autenticidade alheia. Não obstante, embora o olhar europeu para a paisagem do Novo Mundo tenha se ressignificado, no que tangia aos seus habitantes *não-brancos* – americanos e africanos – permaneciam nas entrelinhas dos elogios à virtuosidade do *índio* e à força física do *negro* – africano ou crioulo – arraigadas concepções *racialistas*, responsáveis por justificar biológica e psicologicamente a suposta inferioridade física e moral desses contingentes humanos. Por essa via, o artigo pretende enfatizar as múltiplas camadas discursivas que contribuíram para que o olhar europeu em relação à alteridade tenha sido forjado na chave de sua superioridade, sugerindo, assim, alargar o campo de discussão sobre o que se convencionou chamar *racialismo*.

Palavras-chave: paisagem, racialismo, iluminismo, romantismo.

¹ O presente artigo deriva de pesquisa realizada com financiamento da Bolsa FAPERJ Nota 10

² Doutoranda em História Social da Cultura (PUC-Rio). ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-0860-1105> / E-mail: fab.uerj@gmail.com

Em muitos aspectos, o movimento romântico guardava em sua essência traços antitéticos aos Iluminismos. No tecer da retórica da sensibilidade, o Romantismo demarcou a presença da inconsciência e da subjetividade frente à apologética racionalidade característica dos pensadores iluministas. Em termos políticos, a crítica se referia às implicações mais radicais do liberalismo derivado da Ilustração. E como contraponto, os românticos franceses do espectro de influência de Chateaubriand advogavam em favor de uma espécie de *conservadorismo moderno*,³ crítico das experiências liberais mais agudas, mas entusiastas de processos alegadamente mais moderados, como os da Revolução Americana, por exemplo.⁴

Para além da crítica de viés político, nos interessa, sobretudo, pensar aqui sobre um outro aspecto da retórica romântica: o redimensionamento do olhar sobre o Novo Mundo. Embora icônicos autores ilustrados, como Rousseau e Diderot, já sinalizassem a respeito das agruras inerentes ao projeto civilizador tão caro à razão iluminista,⁵ o entendimento preponderante entre os demais pensadores desse contexto discursivo era o de que para além da civilização europeia o que havia eram ambientes inóspitos e populações degeneradas. A constituição desse imaginário, sobretudo acerca dos territórios americanos ao Sul da Linha do Equador, possui estreita relação com as descrições realizadas pelos viajantes-naturalistas, que ao longo do século XVIII observaram e descreveram, não sem se espantar, as rochas, as plantas, os animais, o clima e os humanos que habitavam a essa porção um tanto enigmática do mundo.

Entre os séculos XVI e XVII, grosso modo, esse relato esteve mediado pelo propósito catequizador ou, em outras palavras, permeado pelo ideal da conversão cristã, o que, de alguma maneira, já operava na lógica da superioridade intelectual,

³ A ideia de *conservadorismo moderno* que aqui fazemos menção remonta ao cenário resultante das primeiras rupturas ocasionadas pelo processo revolucionário francês, as quais interditarão uma série de privilégios da aristocracia em benefício de uma nova pauta de interesses burgueses. Diante disso, herdeiros dessas linhagens aristocráticas, como Chateaubriand, dedicavam-se a interpretar essa nova ordem, procurando preservar algum legado de seu modo de compreender o mundo, mas cientes da irreversibilidade das mudanças que a modernidade revolucionária lhes impunha. A esse respeito ver: HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

⁴ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

⁵ Cada qual a sua maneira, Rousseau e Diderot, constituíram experiências autorais capazes de, mesmo imersas no contexto linguístico dos Iluminismos, problematizarem a hegemonia da racionalidade, do progresso e da civilização. Em linhas gerais, seus questionamentos dirigiam-se, respectivamente, ao corrompimento da essência humana pela ambição civilizacional, e à não-linearidade da vida humana, o que colocava em xeque a perspectiva teleológica das consciências ilustradas. A esse respeito, ver: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Prose of the world: Denis Diderot and the periphery of the Enlightenment*. Ver também: STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jaque Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

física e moral dos europeus, então travestidos de missionários, incumbidos de resgatar do suposto estágio de barbárie os habitantes nativos da América.⁶ Essa representação do Novo Mundo como lugar do exotismo, do fantástico e da anti-civilização derivava, portanto, da mesma tradição discursiva e estética que, pelo menos desde o advento das Grandes Navegações, vinha elaborando uma espécie de hierarquização dos continentes, e sendo responsável por estabelecer uma noção de predominância europeia.⁷

Já no século XVIII, essa retórica da superioridade europeia, que é também a retórica da hegemonia branca/caucasiana, adquire uma nova diretriz: ela passa a ser corroborada pelo discurso da racionalidade, pois que absorvida pelo ofício do *naturalista*, que a tudo pretende classificar e catalogar, que a toda manifestação espontânea da natureza pretende atribuir um lugar na *História Universal*. Esse ofício, do qual Lineu foi um dos precursores,⁸ pressupunha a realização de expedições comprometidas a relatar, com o rigor exigido pelo cânone das academias naturalistas da época, tudo o que os olhos testemunhassem, fossem eles elementos animados ou inanimados da natureza.⁹ As anotações e as descrições que resultavam dessas expedições, traduziam as expectativas e os propósitos investigativos bastante característicos de um tempo em que a razão passava, portanto, a pretender controlar a natureza, não mais estando a mercê dela.

Este grandioso empreendimento do racionalismo ilustrado exigiu que um grande fluxo de naturalistas se deslocasse não só entre os países europeus, já em grande parte mapeados em suas especificidades ambientais, como também aos lugares tidos como inóspitos aos olhos desses mesmos viajantes. Aliás, seriam as narrativas dessas viagens ao Novo Mundo um dos gêneros que mais despertariam o

⁶ Sobre o amplo debate, travado sobretudo entre missionários jesuítas e freis dominicanos acerca do grau de humanidade dos povos americanos e de sua maior ou menor inclinação à escravização, ver: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Ver também: GUTIERREZ, Jorge Luis. *A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa*. Revista USP, São Paulo, nº101, p.223-235. MAR/ABR/MAI 2014.

⁷ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁸ Publicada em 1735, a obra *Systema Naturae*, de Lineu, constituiu um marco da sistematização da natureza, em suas mais variadas manifestações. A esse respeito, ver: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos*. São Paulo, Companhia das letras, 2018, p.345.

⁹ Em *As palavras e as coisas*, Foucault, propõe que o tempo de Lineu foi o tempo em que as *palavras* deixaram de constituir a *coisa* e “se tornaram modos de representação”. Ou, em outras palavras, um tempo no qual o que o *signo* dizia sobre uma determinada *coisa* já não mais soava suficiente, fazendo com que a *palavra* se deslocasse da *coisa* e um discurso sobre a *coisa* passasse a relatar a si mesmo – relatos de viagem - e às descobertas – coisas observadas não mais na chave da repetição, mas sim do olhar aberto ao novo. Como sujeito desse tempo, Lineu “projeta[va] encontrar em todos os domínios concretos da natureza ou da sociedade as mesmas distribuições e a mesma ordem.” FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins, 2000, p.104-105.

interesse do público leitor europeu, em geral ávido por desvendar os mistérios de uma realidade distante e desconhecida e, por isso mesmo, já bastante propensa a idealizações e mistificações. Por mapear, contabilizar e descrever de seu *lugar de fala* um ambiente outro, pouco familiar a seus modos e gostos, esses naturalistas franceses, germânicos, ibéricos, ou escandinavos¹⁰ acabariam por, involuntariamente, referendar, através de seu discurso erudito, todas aquelas idealizações e mistificações já amplamente disseminadas no inconsciente coletivo.¹¹

Vejamos o caso de Montesquieu,¹² que apesar de não ser propriamente um naturalista desbravador, foi uma das principais vozes da retórica iluminista francesa e desenvolveu uma das mais influenciadoras teorias sobre a implicação do clima na condição física e social dos seres humanos, reiterando, na esteira dos relatos das expedições de naturalistas, uma série de impressões estereotipadas compartilhadas pelo senso-comum francófono.¹³ Sua observação, ainda no prefácio de *O Espírito das Leis*, de que “não extrai[u] [s]eus princípios de [s]eus preconceitos, mas da natureza das coisas”¹⁴ é, aliás, bastante sintomática a este respeito.

Convicto, portanto, de sua imparcialidade, Montesquieu desenvolveria toda uma teoria da indissociabilidade entre a especificidade dos costumes e a formulação das leis e dos regimes políticos. Sua tese central era a de que as condições climáticas determinariam os costumes dos povos, e esses costumes, por sua vez, deveriam ser levados em consideração por todo governante, ou legislador que pretendesse uma condução social exitosa e coerente. A esse respeito, Montesquieu afirmava, categoricamente, que “as diferentes necessidades nos diferentes climas (...) formaram as diferentes maneiras de viver e são essas diferentes maneiras de viver que formaram

¹⁰ Havia uma espécie de rede transnacional de naturalistas, tecida a partir das Academias e de seus mecanismos de vinculação ao seu espaço de produção e compartilhamento do saber. Essa rede possibilitava a circulação de naturalistas das mais diversas origens europeias, bem como de naturalistas iberoamericanos afiliados às Universidades espanholas e portuguesas, como fora o caso de José Bonifácio em seu tempo de mineralogista afiliado e laureado por algumas das mais renomadas Academias europeias. A esse respeito, ver: SOUSA, Otávio Tarquínio de. *José Bonifácio*. Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olympio Editora: RJ, 1972.

¹¹ Ao problematizar as operações retóricas dos filósofos e naturalistas do século XVIII, Pierre Bourdieu diz tratar-se de uma *mitologia científica*, uma vez que se “funda na crença (ou no preconceito) que enviesa a ciência. (...) Esse discurso (...) deve sua existência e sua eficácia social ao fato de que, na era da ciência, a pulsão inconsciente que leva a dar a um problema socialmente importante uma resposta unitária e total, ao estilo do mito ou da religião, só se satisfaz tomando de empréstimo maneiras científicas de pensamento e de expressão.” Ver: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996. p.178.

¹² Charles-Louis de Secondat, barão de la Brède e de Montesquieu viveu entre 1689 e 1755. *Do espírito das Leis*, publicado em 1748, foi escrito ao longo de vinte anos, sendo a última das obras do autor, que já havia publicado *Cartas Persas* em 1721.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

¹⁴ MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973, p. 27.

os diversos tipos de leis.”¹⁵ De acordo com suas elucubrações, nos países quentes, sobretudo os do Sul, a fraqueza, o medo e a inclinação aos prazeres seriam características comuns aos seus habitantes.

Atravessando toda a sua obra, a hipótese da inferioridade biológica não era aleatória, ela se baseava em estudos contemporâneos que atestavam a ação da temperatura sobre as fibras dos organismos. De acordo com essa *teoria das fibras*,¹⁶ o calor, ao dilatar as fibras e alongá-las, dificultaria o retorno do sangue das extremidades ao coração, enquanto nos climas frios, de modo antagônico, as fibras/os tecidos, por estarem comprimidos pela ação das baixas temperaturas, fariam o sangue circular com mais eficiência. Assim, Montesquieu mobilizava constatações de ordem fisiológica para justificar algumas das hierarquizações já bastante difundidas à época,¹⁷ mas agora em novos termos. Nessa direção, suas ilações sugeriam que:

O calor do clima pode ser tão excessivo que o corpo ficará totalmente sem força. Então o desânimo atingirá o próprio espírito; nenhuma curiosidade, nenhum nobre empreendimento, nenhum sentimento generoso; as disposições serão todas passivas; a preguiça será a felicidade; a maioria dos castigos serão menos difíceis de sustentar do que a ação da alma, e a servidão menos insuportável do que a força do espírito que é necessária para conduzir a si mesmo.¹⁸

O teor da construção argumentativa de Montesquieu remonta, portanto, ao *universalismo* característico da tradição iluminista, cujo cerne expressava a inabilidade do discurso europeu em reconhecer a diferença, em legitimar o *outro* em suas especificidades.¹⁹ Nesse *contexto linguístico* da Ilustração francófona havia, portanto, condições para que fosse possível, inclusive, atribuir aos efeitos do clima a

¹⁵ MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Livro XIV, Capítulo X. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973.

¹⁶ A *Teoria das fibras* teria sido retomada e desenvolvida nos termos em que Montesquieu mobiliza pelo médico e matemático John Arburthnot (1667-1735). A esse respeito, ver: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

¹⁷ Apenas um ano depois da publicação *Do Espírito das Leis* (1748) por Montesquieu, Buffon publicaria o primeiro volume de *L'Histoire Naturelle*, obra na qual explorava a possível relação entre o ambiente e a definição do caráter dos povos. A esse respeito, ver: MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Livro XIV, Capítulo X. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973; ver também: BUFFON. *L'Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy*. In: *Oeuvres complètes de Buffon et la classification de Cuvier*. Paris, Garnier, 12 vols.

¹⁸ MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Livro XIV, Capítulo II. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973, p. 210-211.

¹⁹ A esse respeito Bourdieu afirma que “a tradição letrada faz parte das condições sociais de possibilidade do mito erudito, de sua forma, isto é, da linguagem de aparência científica da qual se reveste.” BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 184. Ver também: TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p.184.

razão pela qual alguns povos seriam mais predispostos à escravidão do que outros.²⁰ Montesquieu, por sinal, imputava ao conformismo e à inércia supostamente inerentes aos povos de climas quentes a sua tolerância em relação à servidão. A propósito, suas observações a esse respeito, remetem, implicitamente, aos descendentes amaldiçoados de Cam,²¹ sobretudo na ocasião em que afirma estar “a África (...) situada num clima semelhante ao do Sul da Ásia e encontra[r]-se [por isso] sob uma mesma servidão.”²²

Diante desse legado, não seria involuntária a apropriação de Rousseau – um crítico de seu próprio contexto ilustrado- pelo Romantismo: seus apontamentos acerca da virtuosidade do *homem natural* e suas provocações em relação aos vícios físicos e morais do *homem civilizado* fariam bastante sentido ao movimento em curso, sobretudo porque ofereceriam aporte à interpretação que se vulgarizava do *selvagem* como elemento puro, jamais exposto às disputas ególatras e à corrupção dos europeus civilizados.²³ Nas primeiras décadas do século XIX, essa abordagem ganharia ainda mais espaço à medida em que novas narrativas sobre o Novo Mundo, cunhadas a partir de expedições realizadas por viajantes das mais diversas origens, passavam a circular e a produzir significativo apelo nas comunidades letradas europeias.

Desde a publicação de *Viagem à América* de Humboldt o olhar para o Novo Mundo se redefiniu. De formação naturalista, o amigo de José Bonifácio²⁴ não se furtaria a enxergar para além do *Systema Naturae*.²⁵ A narrativa que costurou a partir das anotações de seus diários de viagem, inauguraria uma nova percepção sobre a paisagem e os habitantes do Novo Mundo. Depois dele, muitos foram ainda os que se aventuraram por esta porção meridional da América. Alguns de modo autônomo,

²⁰ Com Pocock entendemos o quão condicional e, ao mesmo tempo, condicionada é a linguagem. Num movimento constante, o arcabouço linguístico determina o que pode ser dito, mas também se redefine constantemente a partir do que é inovadoramente enunciado. POCOCK, J.G.A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003. No mesmo sentido, Bourdieu sinaliza que “as fantasias sociais que o inconsciente cultivado do escritor engendra estão garantidas pela cumplicidade e pela docilidade de uma língua e de uma cultura que são o produto acumulado ao longo do tempo de um mesmo inconsciente social.” BOURDIEU, Pierre. *A retórica da cientificidade*. In: *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 184.

²¹ Cabe reiterar que os descendentes de Cam seriam os povos do Sul e do Leste. A esse respeito, ver: PINAR, William F. *O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto*. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

²² MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Livro XVII, Capítulo VII. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973, p. 251.

²³ STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jaques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

²⁴ José Bonifácio e Alexandre von Humboldt estudaram juntos entre 1792 e 1794 em Freiberg, onde foram discípulos do célebre geólogo Abraham Gottlob Werner. A esse respeito ver: SOUSA, Otávio Tarquínio de. *José Bonifácio*. Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1972, p. 26-7.

²⁵ Lineu publicou seu *Systema Naturae* em 1735. Ver: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.344.

como Chateaubriand, Ferdinand Denis e Maria Graham,²⁶ outros integrando expedições de maior vulto, financiadas por acordos diplomáticos selados entre seus Estados de origem e a Corte de d. João VI. Acordos estes que, mais adiante, seriam firmados com o Império do Brasil, como ocorreu com a Missão Francesa – da qual faziam parte Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay e Gradjean de Montgny²⁷, com a Missão Bávara – integrada pelos naturalistas Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius²⁸ e com a Missão Russa – coordenada pelo médico Georg Heinrich von Langsdorff.²⁹

Com efeito, o caráter dissidente das ideias apresentadas por Rousseau em meio a um contexto discursivo imerso no etnocentrismo ressoaria pelas próximas gerações e inspiraria, sem renunciar ao universalismo, ou ainda à monogenia,³⁰ essa guinada nos anos iniciais do século XIX. Na esteira dessa reordenação do discurso *branco-europeu* sobre o outro, Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius percorreriam juntos o território do recém formado Império do Brasil, o qual, de acordo com suas expectativas, “oferec[ia] ainda vasto campo ao espírito empreendedor de pesquisas [já que as informações das quais dispunham, indicavam que] era pouco povoado e conhecido, embora [fosse] ele coração desse novo continente.”³¹

O abastado conjunto de anotações e ilustrações que reuniram ao longo dos três anos em que atravessaram do Rio de Janeiro ao Amazonas originariam uma das mais celebradas publicações da década de 1820: *Viagem pelo Brasil*. Publicada inicialmente em quatro livros, que narram o simultâneo encantamento e

²⁶ Sobre as viagens e descrições de Ferdinand Denis sobre o Brasil, ver: OLIVEIRA, Maria Edith M. de A. R. de. *O país do futuro e o futuro do país: as contribuições de Ferdinand Denis e Von Martius*. Anais do 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP, 2013. (ISBN: 978-85-288-0326-6); ver também: PAMPLONA, Marco A. *Considerações sobre a alteridade nos Diários de Maria Graham durante o período de residência no Chile (1821-1822) e breves comentários sobre suas viagens ao Brasil (1821, 1822 e 1823)*. IN: FALCON, Francisco José Calazans, CARVALHO, Marieta Pinheiro de e SARMIENTO, Érica (orgs.) *Relações de poder no mundo ibero-americano: séculos XVIII-XIX*. RJ: Autografia Ed. E Comunicação Ltda., 2019.

²⁷ Aportando no Rio de Janeiro em 1816, a Missão Artística Francesa instituiu - com aval e financiamento de D. João VI - o Ensino Superior de Belas Artes na cidade então sede do Império português, A Escola Nacional de Belas Artes seria o espaço responsável pelo frutífero encontro entre o estudante Manoel de Araújo Porto-Alegre e o célebre pintor neoclássico Debret, encontro este que renderia uma longa parceria e que levaria Porto-Alegre à Paris justamente à época em que Gonçalves de Magalhães e Torres Homem também se estabeleceram por lá.

²⁸ A comitiva bávara chegou à América portuguesa em 1817, trazendo também a arquiduquesa austríaca, Carolina Josefa Leopoldina – destinada a casar-se com D. Pedro, ainda príncipe. Os renomados naturalistas bávaros, que a acompanhavam, eram filiados à Academia de Ciências da Baviera e tinham como objetivo explorar os aspectos botânicos e zoológicos do que consideravam *o país mais belo e rico da América*.

²⁹ A Missão Russa, chefiada por Von Langsdorff, percorreu o território do Império do Brasil por cinco anos, mais precisamente entre 1824 e 1829,

³⁰ A monogenia, enquanto vertente defensora da origem comum dos seres humanos, é aqui problematizada em sua proximidade com a perspectiva universalista tão em voga no século XVIII, sobretudo porque, embora não supere as concepções hierarquizadoras dos diferentes fenótipos humanos, parece compartilhar da prerrogativa universalista de que toda manifestação da natureza, incluindo a humanidade em todas as suas variações, estariam submetidas a uma mesma moral.

³¹ MARTIUS, C.F.P. vo. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.7.

estranhamento da dupla de naturalistas pelas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Vila Rica,³² a obra extrapola o aspecto descritivo e transborda em uma persuasiva narrativa, hábil tanto em conduzir o leitor pelas trilhas da exuberante paisagem, quanto em tentar elucidar para o público europeu, a complexa trama étnica da qual descendiam os habitantes desse Brasil de 1817.³³ Isto porque, as investigações zoológicas das quais Spix estava encarregado, compreendiam, para além dos - hoje óbvios - seres animais, também os seres humanos, pois de acordo com os preâmbulos à narrativa da *Viagem*, este domínio da zoologia “incluía tudo o que dizia respeito ao homem, tanto indígenas, como imigrados: as diversidades conforme os climas; o seu estado físico e espiritual, etc.”³⁴ Tal observação em relação ao *clima* como marcador da aparência e do caráter dos habitantes, remonta a toda àquela tradição retórica que, amparada no determinismo espacial, atestava a superioridade fenotípica e moral dos *brancos/europeus*, tal qual sugeriram Montesquieu e Buffon.

Nesse sentido, Spix e Martius, embora já integrassem um *contexto discursivo* capaz de reconhecer na diferença paisagística a exuberância, demonstram-se significativamente atravessados por aquele universalismo etnocêntrico, quando o tema são as variações humanas. À propósito, suas justificativas para o tímido desenvolvimento das artes e das ciências nesta porção Sul do planeta seriam muito similares às do autor de *O Espírito das Leis*, segundo o qual, conforme já discorreremos, o calor deformaria não apenas as fibras corpóreas, mas a personalidade, conduzindo ao conformismo e à prostração. Ao narrar o estado do desenvolvimento populacional do Rio de Janeiro, Spix e Martius, aliando suas referências científicas às suas observações *in loco*, constatavam:

Até aqui tem sido antes o gosto pelas comodidades, pelo luxo e pelas formas agradáveis da vida exterior, que aqui se espalhou rapidamente, do que o amor

³² Os três volumes publicados em 1823 referem-se à narrativa da viagem. Eles se desdobrariam em muitos outros volumes publicados até 1831, dedicados mais detidamente aos domínios da botânica e da zoologia. A esse respeito ver a *Advertência* de José Honório Rodrigues à edição de 1956 da dissertação: *Como se deve escrever a História do Brasil*, escrita pelo mesmo Von Martius e premiada pelo IHGB em 1845. Revista de História de América, No. 42 (Dec., 1956), pp. 433-458. Publicado por: Pan American Institut of Geography and History Stable. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20137096>.

³³ Se faz indispensável sinalizar a relevância dessa experiência da viagem de von Spix e von Martius, bem como dos relatos e narrativas que produzem a partir dela, para a formulação de um dos textos mais decisivos do fazer historiográfico oitocentista: o *Como se deve escrever a história do Brasil*, premiado e chancelado pelo IHGB, em 1847, como guia programático da escrita da História que pretendiam chancelar. Como no propósito deste artigo não cabe a discussão mais pormenorizada deste texto, sugerimos: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação*. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VII(2), 389-410, jul.-out. 2000.

³⁴ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.8.

pelos artes e pelas ciências no sentido liberal. Enquanto a formação destas últimas nos países do norte teve mais tarde, como consequência, enobrecimento dos gozos da vida, no sul, ao contrário, com desenvolvimento mais livre da sensualidade e da vida exterior, tarda o aperfeiçoamento das artes e das ciências.³⁵

De todo modo, cabe reiterar que a persistência desse olhar etnocêntrico sobre o *outro* nas narrativas dos viajantes do século XIX, não pode ser dissociada das convicções profundamente enraizadas no imaginário dos homens de ciências e de letras, que mesmo diante das incertezas colocadas por eventos da dimensão da Revolução Francesa e da Revolução do Haiti, ainda se identificavam com aquela pretensão racionalista de catalogar e enquadrar todas as variações de todos os seres animados e inanimados, a partir do *seu lugar*.³⁶ O mote dessa ambição desmedida do controle da natureza pelo homem – *branco* –, é oportuno para que sejam problematizadas as associações bastante comuns entre os contingentes populacionais de *ameríndios* e de *africanos* aos signos da *selvageria* e do *instinto*. O lugar comum dessas associações parece estar amparado pela ideia quase que unânime entre os pensadores *brancos europeus* – e de seus descendentes nascidos na América –³⁷ de que a *razão*, no século XVIII, e a *civilização*, no século XIX, afastariam o humano da natureza, ou de seu estado mais primitivo.³⁸ Nesse sentido, os povos menos afeitos, porque *outros*, ao padrão comportamental estabelecido por aquela mesma *branquitude*, estariam mais suscetíveis aos seus impulsos mais originais e, mais próximos, portanto, no entender dos autointitulados racionais/civilizados, da espontaneidade típica do que seria o *selvagem*.

Essa construção retórica, presente tanto nos apologistas da civilização, entre eles Buffon e Montesquieu, quanto nos seus mais contundentes críticos, como Diderot³⁹ e Rousseau, ajudaria não apenas a atualizar aquela hierarquização dos povos

³⁵ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.98.

³⁶ BETHENCOURT, Francisco. *Racismos*. São Paulo, Companhia das letras, 2018, p.345.

³⁷ De acordo com Mary Louise Pratt, há um grande esforço das elites *criollas* ibero-americanas por construir uma base estética e ideológica enquanto americanos de raça branca." Ver: PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*. 2nd ed., London: Routledge, 2008, p.300.

³⁸ Cabe pontuar que, no início do século XX, Sigmund Freud retoma, pela perspectiva da psicanálise, essa pauta da civilização como cerceadora dos instintos e dos impulsos, oferecendo em *O Mal-estar na Civilização* uma análise provocativa a respeito da correspondência entre o *superego* do indivíduo e o processo civilizador como *superego* da sociedade. A esse respeito, ver: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³⁹ Aqui pensamos, com Gumbrecht, em Diderot como autor marginal ao conceito normativo de Iluminismo, por desenvolver uma prosa antiteológica e muito afeita ao contingencial, o que em muitos níveis ampliava a complexidade de seus textos para além das balizas

já antecipada pelos renascentistas,⁴⁰ como também a legitimar o discurso civilizacional orientador tanto da formação dos Estados-nação ibero-americanos nas primeiras décadas do XIX, como das conquistas imperialistas que teriam lugar na segunda metade do mesmo século. Assim, as formulações de Buffon em defesa da capacidade de aperfeiçoamento dos povos, em tese inferiores, como as proposições de Montesquieu em relação à rigidez necessária aos regimes políticos destinados a controlar as populações degeneradas dos países de climas quentes ou daqueles constituídos por grandiosas planícies, acabariam por contribuir para a mesma inferiorização dos contingentes *não-brancos* que, involuntariamente, as alegações de Rousseau sobre a virtuosidade do *selvagem* teriam contribuído.

As colocações do mesmo Rousseau em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os Homens* se fazem pertinentes a esta altura, pois ilustram, nas entrelinhas, a persistência da convicção da distinção positiva do *branco* em relação ao *outro*, em um texto que, de antemão, se propunha a relativizar o eurocentrismo de seu contexto discursivo. Vejamos em que termos se podem verificar essas tensões:

(...) mas o homem selvagem, vivendo disperso entre os animais e vendo-se desde cedo na iminência de medir forças com eles, logo fez a comparação e, verificando que mais os ultrapassa em habilidade do que eles o sobrepõem pela força, aprende a não mais temê-los. Colocai um urso ou um lobo em disputa com um selvagem robusto, ágil, corajoso, como todos eles o são, armado de pedra e de um bom bastão, e vereis que o perigo será, no mínimo recíproco e que, depois de várias experiências semelhantes, as bestas ferozes, que não gostam de atacar-se mutuamente, com pouca vontade atacarão o homem, pois já verificaram ser tão feroz quanto elas. (...) Aí estão sem dúvida, os motivos pelos quais **os negros e os selvagens** dão tão pouca importância aos animais ferozes que possam encontrar nos bosques.⁴¹ (grifos meus)

estabelecidas pela racionalidade etnocêntrica de seus pares, entre os quais, aliás, sua presença era muito bem quista e, portanto, nada marginalizada. *Supplement au Voyage des Bouganinville* constitui precioso exemplar desta originalidade discursiva de Diderot em meio ao contexto da ilustração francesa. A esse respeito, ver: DIDEROT, Denis. *Supplement au Voyage des Bouganinville*. Libro, 2007. Ver também: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Prose of the world: Denis Diderot and the periphery of the Enlightenment*.

⁴⁰ A iconografia renascentista produziu obras referenciais à reordenação do escalonamento racialista em um mundo de proporções mais alargadas. Francisco Bethencourt analisa diversas dessas alegorias hierarquizadoras dos continentes e de seus povos, dentre as quais destacamos a de Abraão Ortelio, nomeada *Theatrum Orbis Terrarum* (1570) e a de Hans Weigel, intitulada *Habitus Praecipuorum Populorum* (1577). Ver: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.104; 110.

⁴¹ ROUSSEAU, Jean Jaques. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. Coleção Pensadores: 1ª Edição, São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973. p. 245-6.

Os *negros* e os *selvagens* aos quais Rousseau se refere são seus contemporâneos cronológicos, já que deles possui relatos de viajantes recém-chegados de suas incursões, como o de François Correal, que descreve o comportamento dos caraíbas da Venezuela.⁴² No entanto, suas observações sugerem que, endossando a perspectiva *etapista* do Iluminismo, esses *nativos americanos* e *africanos*, estariam em etapa similar àquela na qual os europeus estiveram antes de desenvolverem-se e alcançarem o domínio das artes, das ciências e das letras. Ou seja, no esforço de elogiar as virtudes dos ditos *selvagens* – digo, *negros* e *ameríndios*, portanto, *não-brancos* – e de enaltecer sua *robustez*, *agilidade* e *coragem*, definindo-os como alheios aos efeitos colaterais nocivos da civilização, Rousseau acabava por equipará-los às *bestas ferozes*, aproximando-os, assim das noções de instintividade e de irracionalidade e afiançando, quase que inconscientemente, o discurso hegemônico que procurava problematizar.

Ainda no que concerne à conveniente associação entre estado de natureza, primitivismo e povos *ameríndios/africanos*, cabe retornar à *Viagem* de Spix e Martius e com eles adentrar ao imaginário dos *brancos europeus* – e aqui, sobretudo dos viajantes de origem germânica –, observando a maneira pela qual enxergavam esses seus semelhantes/dessemelhantes e demonstravam a compaixão típica dos que se consideram, mesmo à revelia de sua intenção, superiores. Ao narrarem que ainda nos seus primeiros dias no Rio de Janeiro foram convidados a participar de uma festa da *padroeira dos negros*, Nossa Senhora do Rosário, demonstram-se, diante dos *filhos da África em festa*, convencidos das benesses operadas pelo *nobre trato da civilização europeia* e, como numa ode à argumentação de Buffon acerca dos efeitos positivos do exemplo *branco/civilizado* na conversão dos *inferiores*, confessavam notar:

(...) de um lado, com regozijo, os traços de humanidade, que se desenvolvem no negro, e pouco e pouco, no convívio do branco; [e] por outro lado (...) lamentar que uma instituição tão bárbara e violadora dos direitos do homem, como é o tráfico de escravos, não cuide de dar a primeira escola para civilizar, mesmo no seu próprio país essa raça aviltada.⁴³

⁴² ROUSSEAU, Jean Jaques. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. Coleção Pensadores: 1ª Edição, São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973. p. 246.

⁴³ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.112.

Spix e Martius não se furtam, portanto, a reconhecer a já amplamente malograda experiência do tráfico, no entanto parecem considerá-lo uma instituição autônoma, gerida por negociantes pouco sensíveis ao que Buffon e também Blumenbach sinalizavam em relação à possibilidade de *melhoramento* daqueles contingentes de *não-brancos* que consideravam *selvagens* e/ou *bárbaros*. Os naturalistas bávaros narram, na sequência de sua escrita, essa mercantilização, sobretudo de *cabindas* e *benguelas*, que ainda em África seriam marcados *a fogo com um certo sinal nas costas ou na testa*, mas não realizam qualquer crítica à escravidão propriamente dita, sugerindo ser ela a prática responsável por oferecer a oportunidade para que a dita *raça aviltada* se humanizasse através do convívio com a *raça* de proprietários já em outro patamar civilizatório. Por esse viés, a escravidão encarnaria, com algum efeito, o papel de distanciar os *negros* de seu estado primitivo – ou de seu estado de natureza –, aproximando-os, mesmo como serventes, dos modos de ser e fazer dos *brancos civilizados*. Afinal, como soava comum à época, o violento despojamento territorial e afetivo aos quais os povos escravizados eram expostos, seria, de acordo com a retórica da *branquitude* escravista – que Spix e Martius acabam por reiterar –, compensado na chegada dos *africanos* a esta borda oeste do Atlântico, uma vez que se adaptariam facilmente ao Rio de Janeiro, como ao Brasil em geral, em virtude “de seu temperamento leviano, [d]a semelhança do clima com o de sua pátria, e [d]a brandura com que são tratados no Brasil.”⁴⁴

Já as suas observações em relação aos *nativos americanos* reproduzem, para além da já esperada lógica da inferiorização, a explícita animalização, sobretudo dos contingentes associados ao canibalismo. O comportamento, aliás, diretamente associado aos níveis mais extremos de barbárie, justamente pelo distanciamento que sugeria em relação à polidez dos costumes europeus, inspirava, para além da perplexidade dos ditos civilizados, curiosidade. Tamanha excentricidade, agora convertida em elemento da originalidade americana, precisava ser, no entender dos

⁴⁴ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.113.

naturalistas – sobretudo daqueles filiados à tradição anatomista de Blumenbach⁴⁵ mapeada, medida, e exposta, conforme relatavam com certo entusiasmo:

Quase não se veem indígenas americanos aqui. Eles evitam, quanto podem, a cidade (...) O primeiro indígena americano que avistamos aqui foi um menino da tribo antropófaga dos botocudos de Minas Gerais, ele se achava na casa do nosso amigo von Langsdorff. O antigo ministro de Estado português, Conde da Barca, havia pedido ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio de índio para o nosso celebre compatriótico, o conselheiro Blumenbach; como este último não teve oportunidade de achar à mão tal documento morto, despachou então ao conde dois botocudos vivos, que os seus soldados haviam prendido de surpresa; o sr. Von Langsdorff recebeu então um deles, ao qual em breve muito se afeiçoou e lhe serviu não somente como **peça viva de gabinete**, porém igualmente, como **coletor de curiosidades naturais**.⁴⁶

A prática recorrente de se montar Gabinetes de História Natural obedecia à lógica da exposição das coisas em quadro. De acordo com esse modo de interpretar o mundo, inaugurado no século XVII, a descrição era necessariamente precedida pela observação. Assim os seres e as coisas eram colocados à disposição do olhar, como que zerados de significados e, portanto, aptos a serem descritos de acordo com o crivo do observador.⁴⁷ É evidente o etnocentrismo que atravessa este episódio sobre os botocudos, assim como é axiomática a naturalização do aprisionamento e da escravização de nativos, presente neste e em outros tantos relatos de época, embora tal prática já fosse legalmente condenada ao menos desde a promulgação do *Diretório dos Índios*.⁴⁸ Ocorre que a penetração dessas ideias no imaginário social dos que se reconheciam brancos – e até dos não-brancos cooptados pela trama escravista – era tal, que tornava viável esse tipo de enunciado. De outro modo, a linguagem compartilhada ainda permitia, como que espelhando o fluxo espontâneo das ideias, que esse relato fosse publicado e circulasse com significativa receptividade entre eruditos e curiosos à revelia do que o aparato legal determinava. Na esteira da persistência desta ampla e versátil retórica de inferiorização dos povos não-brancos,

⁴⁵ Anatomista e antropólogo, Blumenbach, esquadrinhou, inspirado em Buffon, uma nova classificação dos seres humanos. Nela as distinções raciais variavam de acordo com o tamanho do crânio, o posicionamento das mandíbulas e o alinhamento das orelhas, seguindo uma tendência da época às medições dos corpos. A esse respeito, ver: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.357-8.

⁴⁶ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.95.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins, 2000, p.179.

⁴⁸ ALMEIDA, Rita Heloisa de. *O Diretório dos Índios: Um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora UnB, 1997.

cabe reiterar que embora Spix e Martius tenham atravessado o Atlântico já informados por uma outra ordem discursiva que não aquela da condenação do clima e das paisagens dos lugares de altas temperaturas e, por isso mesmo, predispostos a reconhecer *a riqueza e a singularidade da natureza destas afortunadas latitudes*,⁴⁹ ainda lhes fazia sentido operar na lógica do exotismo, quando o olhar se deslocava da paisagem para os *seres mais ou menos humanos* que ali figuravam.

A percepção pejorativa em relação aos habitantes desse Brasil de natureza exuberante não estava restrita ao olhar dos naturalistas bávaros. Em uma publicação francesa de 1830, intitulada *Souvenires du Brésil*, o mesmo tom é mobilizado para lamentar o fato de paisagem tão *magnífica* ser povoada por seres tão *infelizes*:

(...) logo surge a decepção quando se pisa em terra (refere-se ao Rio de Janeiro), tendo em vista que por toda parte há de se encontrar uma multidão de negros e mulatos. O semblante desses seres desafortunados, infelizes, seminus e brutalizados aflige dolorosamente o viajante europeu, acostumado como está à limpeza nos trajas e à polidez nas maneiras.⁵⁰

Nessa espécie de compêndio da literatura de viagens, não é a escravidão a responsabilizada pelos modos *brutalizados* dos *negros e mulatos*, mas sim os caracteres supostamente inerentes a sua própria condição *racial*, como, aliás, alguns anos adiante, no mesmo sentido, sugeriria Francisco Sales de Torres-HOMEM, o letrado *mulato* integrante da tríade de autores da *Nitheroy Revista Brasiliense*.⁵¹ Tais impressões relatadas pelos viajantes franceses, sobretudo as de autoria de Chateaubriand, Auguste de Saint-Hilaire e Ferdinand Denis ressoariam intensamente no que se delinearía como o Romantismo brasileiro, conforme ilustra o exemplo de Torres-HOMEM.⁵²

A redefinição do olhar europeu sobre a paisagem e sobre a sua contígua manifestação humana – o *selvagem americano* – se materializava nas narrativas iconográficas e descritivas que esses viajantes oitocentistas publicavam. O *Ensaio da*

⁴⁹ MARTIUS, C.F.P. von. & SPIX, J.B. von. *Viagem pelo Brasil*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p.104.

⁵⁰ *Souvenires du Brésil*, NAV, série 2, 46, nº 16 (1830), p.199-200.

⁵¹ TORRES-HOMEM, Francisco Sales. *Considerações econômicas sobre a escravatura*. *Nitheroy Revista Brasiliense*, Tomo I, 1836.

⁵² A esse respeito ver o artigo de Francisco de Sales Torres Homem, publicado no 1º volume da *Nitheroy Revista Brasiliense*, sob o título *Considerações Econômicas sobre a Escravatura*. *Nitheroy Revista Brasiliense*: Ciências, Letras e Artes. Tomo I. Dauvin et Fontaine Libraires: Paris, 1836, p.35-82.

década de 1820, no qual Chateaubriand narra sua viagem à América do Norte, difundia, por exemplo, uma percepção do *nativo americano* como uma possibilidade de redenção ao caos em que o mundo ocidental havia se transformado após os processos revolucionários desencadeados pela queda da Bastilha.⁵³ No entender desse expoente do Romantismo francês, os nativos americanos representavam uma nova oportunidade, ou uma nova chance para que a humanidade recomeçasse sua marcha e, assim, se desenvolvesse mais virtuosamente, a partir daquelas características mais originais, ou mais instintivas da espécie humana, para as quais, aliás, Rousseau já havia acenado positivamente.

A POSITIVAÇÃO DA PAISAGEM E A REITERAÇÃO DA INFERIORIDADE DOS POVOS NÃO-BRANCOS

Na esteira da configuração da episteme romântica francófona, é inevitável atestar que esta reordenação retórica articulada entre as décadas de 1820 e 1830 subverteu a lógica etnocêntrica da própria razão universal ao dialogar com a valoração das especificidades locais e ao reconhecer um índice positivo na diferença, ou no que se constituía alheio à sua própria imagem civilizacional. Quando, por exemplo, Ferdinand Denis apresentou, ainda em 1824, sua argumentação em defesa dos benefícios do clima, da exuberância da natureza e da virtuosidade dos *nativos americanos*, ele enunciava uma outra, ou melhor, uma nova consciência intelectual, então menos pretenciosa em relação a sua centralidade e, por conseguinte, mais arguta em relação ao etnocentrismo que atravessava a tradição universalista com a qual interagia. Não que *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*⁵⁴ constituísse um marco do relativismo, mas com essa obra Denis renovaria a abordagem sobre a América do Sul, apresentando como algo assertivo aquilo que comumente soava desabonador aos viajantes estrangeiros. Na percepção do

⁵³ Segundo, François Hartog, Chateaubriand abandonará essa sua posição otimista em relação aos *selvagens* já na década seguinte, quando se tornará incontestável a subjugação dos povos nativos americanos pelo projeto civilizacional europeu. HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

⁵⁴ DENIS, Ferdinand. *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*. Paris: Louis Janet, 1824. Disponível em: www.gallica.bnf.fr

romântico francês, se difundia a sensação de “(...) qu’il est aussi important les pensées des hommes que les production de leur territoire. On sent même que dans les idées primitives du sauvage, il y a um caractère de grandeur que étonne au milieu de notre ordre social.”⁵⁵

Aliás, conforme Denis maturava suas pesquisas realizadas à época de suas viagens exploratórias pelos territórios sul-americanos e as desdobrava em uma série de publicações,⁵⁶ mais contundentes se tornavam seus argumentos em favor de uma *poesia genuinamente americana*.⁵⁷ Ele estava convicto de que a exuberância da natureza e o clima do Novo Mundo provocavam “influence directe sur les inspirations poétiques.”⁵⁸ Isto é, na sua compreensão, se ao gênio do poeta era inerente a sensibilidade à opulência dos pássaros, dos oceanos e das palmeiras, nada mais óbvio do que haver uma literatura produzida por aqueles que testemunharam natureza tão exuberante. Importante notar que este movimento de encorajar literaturas autênticas em jovens países, profundamente atrelados às suas matrizes metropolitanas, constituía um coerente desdobramento da retórica romântica que extrapolava, mas não negava, os limites da civilização europeia. É como se o Romantismo exercitasse a capacidade dos europeus de alargar seus horizontes para além das balizas fincadas pela razão ilustrada, recorrendo a estratégias da ordem do sensível e ocupando aquela brecha aberta por Rousseau ao problematizar os progressos civilizacionais.

No entender de Denis, assim como no do autor romântico português Almeida Garret,⁵⁹ a paisagem sul-americana e seus povos autóctones emanavam uma coloração *sui generis* e provocavam uma experiência sensorial única. De acordo com

⁵⁵ “(...) que também são importantes os pensamentos dos homens que produzem (sic) em seu território. Nós sentimos realmente que nas ideias primitivas do selvagem existe um caráter de grandeur, que surpreende ao meio de nossa ordem social.” (tradução livre) Ibidem, Prefácio, p.1.

⁵⁶ Ferdinand Denis (1798-1890) pretendia seguir a carreira diplomática, respeitando a tradição familiar de lealdade à Coroa, mas com a reordenação imposta pelos processos revolucionários franceses, opta, em 1816, por integrar uma expedição ao Brasil, onde permanece até 1819. Ao retomar a França, passa a desempenhar funções em bibliotecas, sendo a *Bibliothèque Saint Geneviève* o espaço no qual trabalhou por mais de quarenta anos, inicialmente como conservador e posteriormente como administrador. Ao longo de sua atividade intelectual publicou grande número de obras relativas ao Brasil e à América do Sul, dentre as quais destacam-se: *Le Brésil, ou, Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* (publicada em 1822, em parceria com Hippolyte Taunay); *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie* (1824); *Resume de l’Histoire du Brésil, suivi du Resume de l’Histoire de la Guyane* (1825); *Histoire Geographique du Brésil* (1833).

⁵⁷ A expressão é de Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira*. Ver: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: CULTRIX (37ª edição), 1994. p.98.

⁵⁸ DENIS, Ferdinand. *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*. Paris: Louis Janet, 1824, Capítulo I, p.2. Disponível em: www.gallica.bnf.fr

⁵⁹ João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garret (1799-1854) integrou, ao lado de Alexandre Herculano, a primeira geração do Romantismo português. Seu poema *Camões*, publicado em 1825, é considerado um marco fundador do movimento em terras lusitanas. Cabe aqui, fazer menção ao estudo de Francisco Falcon sobre o iluminismo português, no qual chama a atenção para as especificidades do racionalismo ilustrado em terras lusófonas. Ver: FALCON, Francisco J. C. *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1982.

as observações do autor francófono, no Brasil por onde excursionou, “tout présente une admirable hamonie (...) qu'on pourrait appeller la patrie naturelle de l'hommes.”⁶⁰ Muito em função de toda essa exuberância da paisagem local, e de toda a associação entre este espaço e a noção de *pátria* que compartilhavam, Denis considerava inadiável que os esforços de seus contemporâneos românticos *do Brasil* fossem, justamente, o de recuperar as obras literárias pretéritas convenientes a essa perspectiva da exaltação da autenticidade *brasileira*. Nesse sentido, a idealização *rousseauniana* da natureza e a mitificação do *índio* deveriam ser retroativamente identificadas naquilo que se havia produzido de literatura até então, afinal, natureza tão privilegiada não teria passado imune aos olhos sensíveis dos poetas pretéritos. Assim, sugeriam, conscientemente, que uma trajetória literária local fosse forjada retrospectivamente. Isto é, Denis e Garret, embora filiados a escolas ilustradas distintas, estavam convencidos da importância que a dimensão subjetiva da experiência humana adquiria à medida em que se apresentavam, embora ainda bastante dispersas, novas formas de pertencimento em um mundo que assistia à dissolução dos referenciais aristocráticos e à distensão das relações entre súditos e monarcas.

Com efeito, essa retórica romântica de valorização da *natureza* e do *índio* reconfigurava a retórica universalista de viés etnocêntrico, aliás, reiteradamente desqualificadora de manifestações alheias aos paradigmas civilizacionais europeus.⁶¹ Nessa esteira da legitimação da diferença, as impressões bastante correntes que relacionavam o Novo Mundo à excentricidade, atribuindo-lhe adjetivos pejorativos e associando-o à ideia de deterioração, perdiam, então, tónus à medida em que se fortalecia o reconhecimento de suas características como potências da ordem do particular, do específico, ou do que Denis considerava “n'a rien à leur comparer.”⁶² Não obstante, em que pesassem as novas percepções a respeito das alteridades, os românticos franceses não conseguiam, ou não podiam, romper por completo com os

⁶⁰ “Tudo apresenta uma harmonia admirável, que nós poderíamos chamar de pátria natural dos homens.” (Tradução livre) DENIS, Ferdinand. *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*. Paris: Louis Janet, 1824, Capítulo I, p.2. Disponível em: www.gallica.bnf.fr

⁶¹ No que concerne às disputas discursivas entre o universalismo ilustrado e o nacionalismo romântico, ver: TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

⁶² “Não haver nada comparável” (Tradução livre) DENIS, Ferdinand. *Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*. Paris: Louis Janet, 1824, Capítulo I, p.2. Disponível em: www.gallica.bnf.fr.

paradigmas que os havia formado.⁶³ Interagiam todos, portanto, com uma tradição racionalista atravessada por um *universalismo* que estabelecia uma sutil, mas reincidente padronização da realidade, implicando, assim, na produção de interpretações parciais acerca das alteridades, ou mesmo, na representação depreciativa do *outro*, sobretudo encarnado no fenótipo do *nativo americano* e do *nativo africano*. Esse *universalismo*, em grande parte *etnocêntrico*, - do qual descende, inclusive, o devir civilizatório europeu - se faria insistentemente presente e contribuiria para ainda fazer subsistir aquelas representações um tanto quanto estereotipadas da diversidade humana desta nossa porção americana lusófona. Isto porque, quem diferisse dos padrões estéticos europeus, parecia excêntrico a esses olhares educados na tradição artística neoclássica e orientados pelos parâmetros do racionalismo ilustrado.

No mesmo sentido, toda a *bildung*⁶⁴ dos letrados inseridos nesse contexto, nos parece atravessada por uma quase inconsciente repulsa em relação à diversidade, que se manifesta, até involuntariamente, em ocasiões nas quais não há intenção explícita em afirmar a hegemonia do discurso da superioridade *branca*. A diluição dessas noções racialistas no amplo processo formativo dos homens de letras, de artes e de ciências dos séculos XVIII e XIX, nos parece expressar o profundo enraizamento dos paradigmas fisiológicos, psicológicos e estéticos a respeito de *si* e do *outro*. Nessa esteira, é importante notar que a capilarização dessa vasta retórica que aqui ousamos adjetivar *racialista*⁶⁵ resistiria, inclusive, às transfigurações operadas pelo labor interpretativo do próprio Romantismo. Isto é, mesmo com a representação positivada da paisagem e do *nativo americano*, prevaleceria, ainda, o entendimento subjacente de

⁶³ A respeito do caráter transitório da geração do Romantismo, ver: HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Ver também: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX*. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp.184-200.

⁶⁴ O conceito de *Bildung* é muito próximo da ideia de *formação*. Segundo Antoine Berman, *bildung* possui indubitáveis conexões com a pedagogia e com as artes, sobretudo porque expressa o amplo processo formativo dos espíritos. Nesse mesmo sentido, Hans Gadamer considera “o conceito de *Bildung* (...), sem dúvida alguma, a ideia mais importante do século XVIII e é precisamente esse conceito que designa o elemento aglutinador das ciências do espírito do século XIX.” Para maiores desdobramentos, ver: SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural). *Kriterion*, vol.46, nº112, Belo Horizonte, Dezembro, 2015.

⁶⁵ Por *racialistas* compreendem-se aquelas manifestações discursivas, normalmente restritas à abordagem científica das *raças*, enunciadas a partir da segunda metade do século XIX. Não obstante, este artigo procura demonstrar as apropriações e ressignificações das múltiplas camadas discursivas que, sobrepostas na diacronia, tornaram possível a gestação do racismo, tal qual categorizado por Todorov. Nesse sentido, este trabalho se propõe a identificar, ou pelo menos sugerir, que o racismo - como produção de um discurso de verdade - extrapola os limites cronológicos e epistemológicos da ciência oitocentista, pois se apresenta retoricamente em muitas outras instâncias e temporalidades. Para tanto nos apoiamos nos recentes trabalhos de: BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018; e MBEMBE, Aquille. *Crítica da razão negra*. n-1 Edições, 2018.

que esses povos e esses espaços integravam um patamar anterior ao europeu na escala civilizacional.

Interlocutor das obras de Chateaubriand e de Denis, confrade de alguns dos maiores nomes do Romantismo francês no *Institut Historique de Paris*, Gonçalves de Magalhães desenhou os moldes do Romantismo brasileiro conjugando essas referências ao seu conhecimento empírico sobre o Brasil. O Romantismo que se define a partir da *Nitheroy Revista Brasiliense* e da obra *Suspiros Poéticos e Saudades* parece de fato ressignificar a retórica do determinismo espacial amplamente difundida pelo saber setecentista. Sem deixar de reiterar a ingerência do clima na formação do caráter humano, esse romantismo tropical gestado em Paris se apropria de uma percepção, que se constitui a partir de Rousseau e se fortalece com os narradores-viajantes⁶⁶ do XIX, para inverter a interpretação negativa acerca dos países tropicais, sobretudo os do hemisfério Sul.⁶⁷

De todo modo, tanto os apontamentos dos naturalistas bávaros, quanto as andanças tropicais de Ferdinand Denis, como a chegada da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro, integrariam esse movimento de duas faces: a desbravadora de uma natureza observada em sua exuberância, natureza esta que incluía o *índio original* - aquele do passado- como encarnação da beleza e da virtude; e a face legitimadora da noção de que os *índios* do presente estariam inclinados à degeneração.⁶⁸ Todo o cabedal narrativo e iconográfico criado por esses viajantes contribuiu, não apenas para ressignificar o olhar europeu em relação ao Sul e seus habitantes originais, como também para reiterar uma série de estereótipos herdados do contexto discursivo dos Iluminismos. Com efeito, esses escritos dos viajantes -narradores do XIX, constituíram expressões de um tempo em que a interpretação do Brasil cabia majoritariamente ao olhar estrangeiro, o que, num movimento dialético, ao servir como uma espécie de mostruário das especificidades, acabou por catapultar a

⁶⁶ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

⁶⁷ Lorelai Kury constrói a hipótese central de seu artigo intitulado *No calor da pátria* a partir do argumento de que a retórica indianista de Gonçalves de Magalhães se ampara, mas também ressignifica as teorias deterministas desenvolvidas por Montesquieu e por Buffon. Ver: KURY, Lorelai Brilhante. *No calor da pátria*. Revista USP, São Paulo, nº72, p.80-89, dez. - fev. 2006-2007.

⁶⁸ A esse respeito, ver a análise de Manoel Salgado Guimarães sobre a tese de Von Martius sobre decadentismo dos povos autóctones. Em linhas gerais, Martius supunha que os povos autóctones já haviam desfrutado "um estado adiantado de civilização." GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *História e natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação*. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VII(2), 389-410, jul.-out. 2000.

percepção de que toda essa originalidade só poderia ser apreendida integralmente por autores pátrios. Na esteira dessas narrativas de viagem, a timidez dos autores árcades em valorizar a cotia à lebre ou a palmeira ao pinheiro, passou a ceder lugar ao que tomaria corpo com o Romantismo de Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. O Brasil passou, então, a se explicar por si próprio, valorizando a exuberância de suas paisagens e reiterando, em novos termos, a exotização de seus habitantes de pele *não-branca*.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Debora El-Jaick. 2009. Semeando os alicerces da nação: história, nacionalidade e cultura nas páginas da Revista Nitheroy. *Revista Brasileira de História*, SP, vol.29, nº58, p.417-442.
- Barel, Ana Beatriz Demarchi. 2002. *Um Romantismo à oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume.
- Bethencourt, Francisco. 2018. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, Alfredo. 1994. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: CULTRIX (37ª edição).
- Bourdieu, Pierre. 1996. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP.
- Costa, Wilma Peres. 2008. Viajantes europeus e o escrever da nação brasileira. In: DOYLE, Don H. & PAMPLONA, Marco A. *Nacionalismo no Novo Mundo*. Editora Record: RJ e SP.
- Falcon, Francisco J. C. 1982 *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. Rio de Janeiro: Editora Ática.
- Foucault, Michel. 2000. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, Sigmound. 1996. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Gerbi, Antonello. 1996. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Guimarães, Manoel Luiz Salgado. 2002. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. Topoi, Rio de Janeiro, pp.184-200.

Guimarães, Manoel Luiz Salgado. 2000. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VII(2), 389-410.

Gutierrez, Jorge Luís. 2014. A controvérsia de Valladolid (1550): Aristóteles, os índios e a guerra justa. Revista USP, São Paulo, nº101, p.223-235.

Hartog, François. 2014. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Kury, Lorelai Brilhante. 2006. No calor da pátria. Revista USP, São Paulo, nº72, p.80-89.

Oliveira, Maria Edith M. de A. R. de. 2013. O país do futuro e o futuro do país: as contribuições de Ferdinand Denis e Von Martius. Anais do 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP.

Pamplona, Marco A. 2019. Considerações sobre a alteridade nos Diários de Maria Graham durante o período de residência no Chile (1821-1822) e breves comentários sobre suas viagens ao Brasil (1821, 1822 e 1823). IN: FALCON, Francisco José Calazans, CARVALHO, Marieta Pinheiro de e SARMIENTO, Érica (orgs.) Relações de poder no mundo ibero-americano: séculos XVIII-XIX. RJ: Autografia Ed. E Comunicação Ltda.

Pinar, William F. 2008. O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37.

Pocock, J.G.A. 2003. Linguagens do ideário político. São Paulo: Edusp.

Pratt, Mary Louise. 2008. Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation. 2nd ed., London: Routledge.

Rodrigues, José Honório. 1956. Advertência de José Honório Rodrigues à edição de 1956 da dissertação: Como se deve escrever a História do Brasil, escrita pelo mesmo Von Martius e premiada pelo IHGB em 1845. Revista de Historia de América, No. 42, pp. 433-458. Publicado por: Pan American Institut of Geography and History Stable. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20137096>.

Sousa, Otávio Tarquínio de. 1972. José Bonifácio. Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olympio Editora: RJ.

Starobinski, Jean. 2011. Jean-Jaques Rousseau: a transparência e o obstáculo. São Paulo: Companhia das Letras.

Suarez, Rosana. 2015. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). Kriterion, vol.46, nº112, Belo Horizonte.

Süssekind, Flora. 1990. O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das letras.

Todorov, Tzvetan. 1993. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Fontes primárias

Denis Diderot. 2007. Supplement au Voyage des Bouganinville. Paris: Libro.

Domingos José Gonçalves de Magalhães. 1836. Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil. Nitheroy Revista Brasiliense, tomo I, Paris: Dauvin et Fontaine Libraires.

Ferdinand Denis. 1824. Scène de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie. Paris: Louis Janet.

Francisco de Salles Torres-Homem. 1836. Considerações Econômicas sobre a Escravatura. Nitheroy Revista Brasiliense: Sciencias, Letras e Artes. Tomo I. Paris: Dauvin et Fontaine Libraires.

Jean Jaques Rousseau. 1973. Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens. Coleção Pensadores: 1ª Edição, São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial.

K.F.P. von Martius. & J.B. von Spix. 1938. Viagem pelo Brasil. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Montesquieu. 1973. Do Espírito das Leis. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril S.A, 1ª Edição, 1973.

Between the exotic and the authentic: racialists manifestations and the interpretations of the landscape and inhabitants of the New World

ABSTRACT

This article seeks to contribute to the broad debate about the European perception of the New World. Focusing on the period between the last decades of the 18th century and the first decades of the 19th century, it points out the changes and permanences that marked the dawn of Romanticism as an heir movement yet critical of the Enlightenment. In this wake, there are relevant reinterpretations of the European perception of the New World landscape and its inhabitants. The pejorative notions of exoticism that accompanied the European descriptions about the climate, nature, and the American peoples started to be substituted for more positive impressions associated with European recognition of difference, endorsing the authenticity of the *other*. Although the European look to the landscape of the New World was reframed, the native and African, non-white inhabitants were praised for the Indian's virtuosity and the physical strength of the black, being them African or Creole people. Such perceptions show rooted racist conceptions, responsible for biologically and psychologically justifying the supposed physical and moral inferiority of these human contingents. Thus, the article intends to emphasize the multiple discursive layers that contributed to the European view concerning otherness and collaborate to broaden the field of discussion about what is conventionally called racialism.

Keywords: landscape, racialism, enlightenment, romanticism.

Recibido: 16/05/2020
Aprobado: 24/08/2020